



LAURABEATRIZ

Pasteur com sotaque chinês

O Instituto Pasteur vai abrir uma filial em Xangai, a maior metrópole da China (*Nature*, 5 de fevereiro). Uma equipe de 250 cientistas e técnicos se dedicará a pesquisas voltadas para doenças que ultrapassam a barreira entre espécies e são transmitidas dos animais para o homem, como a pneumonia asiática e a

gripe do frango. A unidade começará a funcionar em 18 meses. O acordo de cooperação foi celebrado em Paris, em fevereiro, entre o vice-presidente da Academia Chinesa de Ciências, Chen Zhu, e o diretor-geral do Pasteur, Philippe Kourilsky. “Nossa estrutura de pesquisa e vigilância sanitária não está preparada

para enfrentar as moléstias emergentes e esperamos que o acordo com o Instituto Pasteur nos ajude a superar essa defasagem”, disse Chen Zhu, referindo-se à emergência nacional causada pela pneumonia asiática em 2003, quando a China pediu ajuda aos pesquisadores franceses. O centro terá o status de em-

presa sem fins lucrativos e será dirigido por equipes de cientistas e executivos independentes do governo central. A unidade de Xangai integrará a rede de agências do Instituto Pasteur: são 23 centros em 17 países, a maioria deles em regiões tropicais onde as doenças infecciosas são epidêmicas. •

Alento para a pesquisa peruana

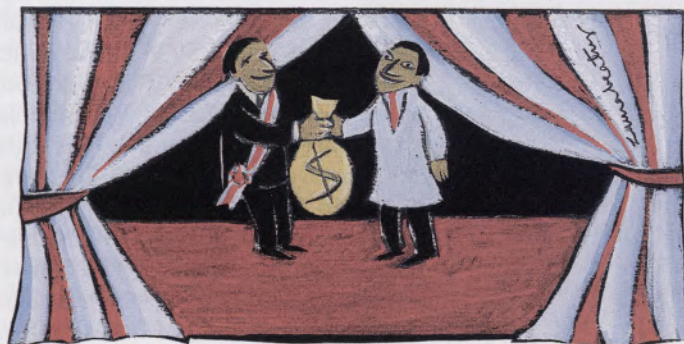
Os pesquisadores do Peru comemoram uma boa notícia. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) concedeu uma linha de US\$ 25 milhões para um programa de Ciência e Tecnologia no país, que também receberá US\$ 11 milhões do governo local. O anúncio foi feito com pompa pelo presidente da República, Alejandro Toledo, durante o 11º Encontro Científico Internacional realizado em Lima (*SciDev.Net*, 13 de fevereiro). O programa contemplado busca melhorar a gestão da pesquisa universitária, inves-

tir na formação de recursos humanos e fortalecer os centros de pós-graduação. “Não é muito dinheiro, mas vamos mostrar que podemos fazer um uso exemplar da verba”, diz o presidente do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, Benjamín Marticorena, que liderou os esforços para conseguir o crédito. •

Doutores que mingnam

Continua a cair o número de títulos de doutorado concedido pelas 413 universidades americanas. Segundo censo anual feito pela Universidade de Chicago, formaram-se 39.955 doutores em 2002. Foi a primeira vez em nove

anos que o número ficou abaixo dos 40 mil. Em 2001, o número de novos doutores já havia sido inferior a 41 mil, o que não ocorria desde 1996. Uma análise dos números feita pela National Science Foundation (NSF), a agência de fomento à pesquisa do governo norte-americano, indica que a redução não atinge as áreas como comunicação, história, educação, marketing e economia. A queda se concentra nas chamadas “ciências e engenharias”. Nessa categoria, 24,5 mil novos doutores se formaram em 2002, o patamar mais baixo desde 1993. A tendência de queda já é observada faz cinco anos. •



LAURABEATRIZ

■ Ajuda mais sincera aos países pobres

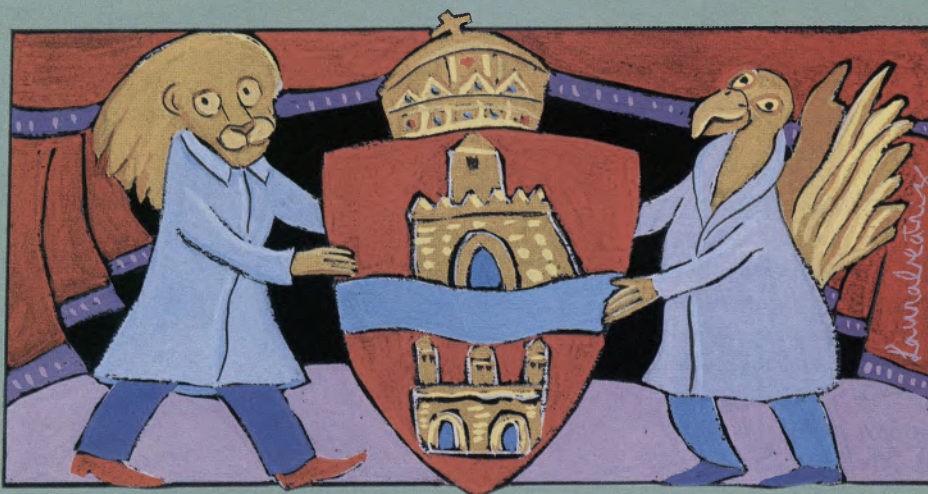
A Royal Society, a prestigiosa academia de ciências britânica, lançou duras críticas ao governo do Reino Unido, pelo apoio deficiente à pesquisa no Terceiro Mundo. Em relatório apresentado ao Comitê de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Comuns, a sociedade descreveu o Departamento para o Desenvolvimento Internacional, articulador dessas iniciativas na burocracia britânica, como fraco em conhecimento científico e isolado dentro da burocracia estatal. Também diz que o órgão tem sido incapaz de identificar as reais necessidades dos países pobres. A análise sugere que o departamento prefere investir em projetos assistencialistas, que promovem benefícios imediatos, como aumentar os níveis de vitamina A nas batatas-doces de Uganda. Mas não se preocupa em executar programas que poderiam ajudar vários países de uma só vez – como monitorar por satélite as chuvas no continente africano, o que resultaria em maior produção agrícola e em redução da fome. O documento recomenda, ainda, que o departamento tenha à frente o apoio de um cientista-chefe, respaldado por uma equipe de pesquisadores profissionais (*Nature*, 5 de fevereiro).

■ A queda do avalista da ciência

Saiu de cena o político responsável por colocar a África do Sul no cenário internacional da ciência após décadas de isolamento imposto pelo apartheid. Ben Ngubane desempenhava as funções de ministro da Arte, Cultura,

Ciência e Tecnologia desde o advento do governo democrático em 1994. Só se afastou do cargo entre 1996 e 1999, quando assumiu o cargo de primeiro-ministro da província KwaZulu-Natal. A comunidade científica sul-africana recebeu a notícia com apreensão porque Ngu-

O saber com vista para o Danúbio



Budapeste tem um sonho: resgatar o status de eixo científico da Europa. Para chegar lá, investiu num centro de estudos, o Collegium Budapeste, que se inspira abertamente no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, em Nova Jersey. A tarefa é ambiciosa: o instituto de Princeton, criado em 1930, abrigou luminares como Albert Einstein e Kurt Gödel, especialista em lógica. Com uma década de funcionamento, o Collegium Budapeste já se estabeleceu como um endereço de prestígio na Europa Oriental. A instituição tem cinco centros permanentes de pesquisa e mais 20 cientistas visitantes. Busca criar um nicho de trabalho teórico em disciplinas que

vão de física a linguística. “A Hungria deixou importantes marcas na ciência e estou otimista de que Budapeste conseguirá recuperar seu papel de centro intelectual”, afirma o neurocientista Sylvester Vizi, presidente da Academia Húngara de Ciências. Um entrave já diagnosticado é o escasso intercâmbio internacional. O Collegium, no caso, é uma exceção. Tamar Gendler, filósofo e psicólogo da Cornell University em Ithaca, Nova York, é um dos 18 pesquisadores estrangeiros que trabalham no instituto. Gendler diz que se sentiu atraído pelas “inspiradas discussões com meus colegas”. Atualmente, ele usa seu período sabático para escrever um livro sobre a

base neuronal da imaginação, da autodecepção e das chamadas emoções fictícias – como o sorriso de alguém ao se imaginar numa sala com uma pessoa de quem gosta. Os novos pesquisadores queixam-se da velha-guarda e de seu pensamento com influência soviética. Mas não há sinais de escassez de cérebros. “Não temos jogadores de futebol famosos nem astros pop, então só nos resta brilhar na ciência”, diz Livia Meszaros, estudante de medicina na Universidade Semmelweis, em Budapeste, que em 2002 ganhou o prêmio da Associação Húngara de Inovação pela melhor pesquisa de ensino médio do país. Para ela, ciência tem glamour.

bane era um defensor dos investimentos em pesquisa. Não por acaso, sua gestão caracterizou-se por um período de estabilidade da atividade acadêmica. A saída deveu-se a uma desavença na coalizão de partidos que dão sustentação ao governo do presidente Thabo Mbeki.

Ngubane vai assumir um posto diplomático: a embaixada da África do Sul em Tóquio. Segundo a revista *Nature*, ele não será substituído até as eleições de 14 de abril. Até lá, Phumzile Mlambo-Ngcuka, atual ministro de Minas e Energia, ocupará interinamente o cargo.

■ Os sinos dobram pelo Terceiro Mundo

Academias científicas de todo o mundo propuseram a criação de dois fundos, no âmbito das Nações Unidas, para incentivar a pesquisa nos países pobres. O Inter Academy Council, que congrega 90 instituições, incluindo a Academia de Ciências dos Estados Unidos, enviou um relatório ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, em que critica a organização por não estimular estratégias voltadas para o desenvolvimento no Terceiro Mundo. O documento, intitulado Criando um futuro melhor: Uma estratégia mundial para capacitação em ciência e tecnologia, sugere a criação de um fundo para dar suporte a 20 centros de excelência nacionais ou regionais por períodos entre 5 e 10 anos, selecionados com base na qualidade de sua produção, independência e afinidades com as necessidades locais. Um se-



LAURALYN A. TRIEST

gundo fundo operaria um sistema competitivo de subvenção, em que juízes internacionais selecionariam parcerias entre equipes de países pobres e ricos (*Nature*, 12 de fevereiro). O dinheiro viria de governos e fundações. Annan deu seu aval ao projeto e se comprometeu a implementá-lo. Disse que a prioridade da ONU é investir em tecnologia aplicada à agricultura. “Eu desafio a comunida-

de científica a responder por que a África é o único continente que até hoje não conseguiu realizar uma revolução verde.”

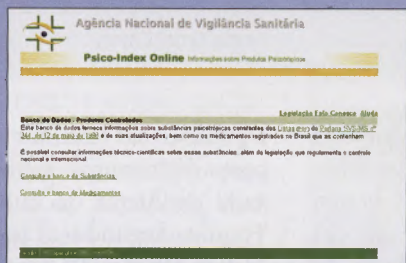
■ Salvem a tartaruga do Pacífico

O estoque das tartarugas-de-couro que vivem no oceano Pacífico caiu 97% nos últimos 22 anos e existe o risco de que elas desapareçam em

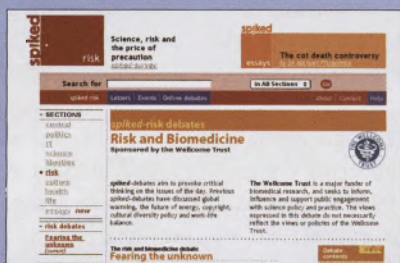
menos de uma década. O alerta foi feito pela entidade ambientalista Conservation International, num simpósio sobre biologia marinha na Costa Rica, em fevereiro. A salvação, diz a entidade, está na criação de uma área de proteção, do Equador à Costa Rica, prevista para se consolidar até 2007, e em combater a urbanização das praias onde as tartarugas-de-couro põem seus ovos.

Ciência na web

Envie sua sugestão de site científico para cienweb@trieste.fapesp.br



www.anvisa.gov.br/bancosdedados/psicoindex/
Banco de dados com informações técnico-científicas referentes às substâncias psicotrópicas.



www.spiked-online.com/sections/risk/debates/riskaverse
Série de debates sobre benefícios e riscos da biomedicina.



hands-on-cern.physto.se
Projeto educativo do acelerador europeu Cern sobre física de partículas para estudantes.